



Entrevista

Celia Alberto Pérez

Diretora-Geral dos Assuntos Europeus
Autoridade de gestão do programa Interreg
MAC

Entrevista com Celia Alberto Pérez, Diretora-Geral dos Assuntos Europeus do Governo das Canárias e Autoridade de Gestão do programa Interreg MAC, para saber mais sobre o programa. Mais concretamente, os desafios superados, o impacto real que gera nos territórios e as perspectivas futuras.

Como descreveria o Programa Interreg MAC a alguém que nunca ouviu falar dele? Porque é que este programa é tão importante?

Os programas Interreg são o instrumento da União Europeia para promover a cooperação entre regiões de diferentes Estados-Membros e com regiões de países não europeus situadas perto das fronteiras externas.

O programa Interreg MAC destina-se especificamente a apoiar, com fundos europeus, projetos de cooperação que envolvam parceiros das Ilhas Canárias, da Madeira e dos Açores e parceiros de sete países africanos - Cabo Verde, Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Gana, Costa do Marfim e São Tomé e Príncipe. Todos os projetos MAC devem incluir pelo menos um parceiro das Ilhas Canárias, da Madeira ou dos Açores e um parceiro de um destes países africanos.

O atual programa decorre entre 2021 e 2027, tendo um orçamento total de 200 milhões de euros e centra-se em quatro áreas de cooperação: I&D&I, transição ecológica, governação e mobilidade e gestão da migração. O MAC é, como se pode ver um instrumento fundamental.

O programa continua a crescer em número de países e projetos. Como se consegue este crescimento?

O MAC tem crescido tanto em orçamento como em número de países participantes. As regras que regulam o seu funcionamento e gestão também evoluíram. Esse crescimento deve-se essencialmente a dois fatores: uma boa negociação e sensibilização das instituições europeias para a necessidade de trabalhar com os países vizinhos para promover o crescimento económico de todos; e uma boa execução do programa e dos projetos.

A mobilidade e a migração são questões globais. Qual o papel do programa na gestão destes desafios?

A mobilidade e a migração foram incluídas pela primeira vez no Interreg no atual período 2021-2027. O papel do Interreg é complementar aos instrumentos específicos da UE nestas matérias, como o Fundo para a Migração e o Asilo. O orçamento é relativamente pequeno, mas cobre um aspecto essencial: a cooperação entre entidades de ambos os lados da fronteira para identificar problemas e definir, em conjunto, as melhores soluções.

Quais foram os maiores desafios desde o início do programa e como foram superados?

Os programas Interreg não estavam inicialmente adaptados às particularidades das regiões ultraperiféricas. Foram criados para promover a cooperação entre as regiões situadas no interior do continente europeu que tinham fronteiras terrestres - por exemplo, as regiões fronteiriças de Espanha e Portugal - e entre as regiões situadas nas fronteiras externas do continente e os países vizinhos, que inicialmente eram apenas as do Mediterrâneo e da Europa Oriental. Foi necessário um longo caminho para que o Interreg integrasse corretamente a cooperação das regiões ultraperiféricas. Devido ao seu afastamento, as RUP não podem cooperar com outras regiões europeias - com exceção da cooperação entre as Ilhas Canárias, os Açores e a Madeira - e os países que as rodeiam estão igualmente afastados do continente europeu, nas Caraíbas, no Oceano Índico, na América do Sul ou no Médio Atlântico.

Provavelmente, o mais difícil foi obter e combinar o financiamento de ambos os lados da fronteira e, de facto, ainda estamos a trabalhar nisso, pois é essencial que a cooperação seja equilibrada e que todos os parceiros se sintam verdadeiramente envolvidos.

De tudo o que disse na pergunta anterior, qual é o ponto que considera ter sido a maior/principal lição deste belo processo?

A principal lição é que o trabalho conjunto gera conhecimento, compreensão e confiança mútua. Isto é fundamental para o êxito dos projetos Interreg. Apesar das regras europeias exigentes, os contactos e a confiança estabelecidos têm perdurado para além dos projetos. Hoje em dia, existem redes de colaboração estáveis entre universidades, centros de investigação, administrações públicas e associações que se conheceram através do Interreg.

Qual é a sua visão para o futuro do programa Interreg MAC? Há novos objetivos?

O MAC foi fundamental para a consolidação de um espaço comum de cooperação nesta parte do Atlântico. Antes, existiam apenas contactos bilaterais, derivados de relações históricas como a das regiões portuguesas com Cabo Verde ou a das Ilhas Canárias com a Mauritânia e Cabo Verde. Agora que este espaço está consolidado, o grande desafio é identificar as principais prioridades e centrar o programa nas mesmas. Para o efeito, estamos a trabalhar na capitalização dos resultados, ou seja, na identificação das melhores iniciativas alcançadas graças ao programa e na sua valorização para as transferir e aumentar a sua escala.

Que mensagem gostaria de enviar aos leitores para que compreendam a importância deste programa e o papel que podem desempenhar nele?

O efeito multiplicador do Interreg é enorme. Os projetos geram atividade económica nos territórios

através de ações promovidas por organismos públicos que beneficiam muitas pequenas e médias empresas. Reuniões, estudos, intercâmbios, viagens - tudo isto é realizado localmente, dinamizando as economias regionais.

Além da sua importância estratégica como instrumento de cooperação e ação externa, o Interreg MAC é também um motor de desenvolvimento económico local.